

Catarina Guerreiro

# O FIM DOS SEGREDOS

TUDO O QUE NUNCA LHE CONTARAM SOBRE  
O MUNDO DO OPUS DEI E DA MAÇONARIA  
EM PORTUGAL

a esfera  dos livros

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO – NO INTERIOR DAS SOCIEDADES SECRETAS . . . . .	13
PRÓLOGO – O PRIMEIRO DIA . . . . .	15
No Opus Dei . . . . .	17
Na Maçonaria. . . . .	21
CAPÍTULO 1 – ONDE E COMO RECRUTAM . . . . .	27
Opus Dei. . . . .	29
Clubes juvenis e centros de formação profissional . . . . .	29
Colégios e liceus . . . . .	35
Universidades. . . . .	36
Amaro da Costa, o recrutador . . . . .	39
Maçonaria. . . . .	42
Juventudes partidárias. . . . .	42
Universidades. . . . .	44
Sessões para adolescentes . . . . .	45
CAPÍTULO 2 – QUEM PODE ENTRAR . . . . .	49
Opus Dei. . . . .	51
Exames médicos, investigação e entrevista. . . . .	51
Maçonaria. . . . .	54
Inquéritos, padrinhos e votação . . . . .	54
CAPÍTULO 3 – OS RITUAIS . . . . .	59
Opus Dei. . . . .	61
A carta, o primeiro contrato e o testamento. . . . .	61
Maçonaria. . . . .	66
Os segredos e juramentos dos aprendizes, companheiros e mestres. . . . .	66
Um mundo maçónico paralelo ainda mais secreto . . . . .	72
CAPÍTULO 4 – O DIA A DIA NAS SOCIEDADES SECRETAS. . . . .	77
Opus Dei. . . . .	79
A vida nas residências e centros . . . . .	79
O mini-governo . . . . .	81
Orações e mortificações . . . . .	82

Reuniões confidenciais, repreensões e confissões . . . . .	88
Conversas íntimas e polémicas . . . . .	90
Maçonaria . . . . .	95
A vida nas lojas maçónicas . . . . .	95
O mini-governo . . . . .	100
Aventais e togas . . . . .	102
O saco cheio de dinheiro . . . . .	104
CAPÍTULO 5 – A VIDA SOCIAL . . . . .	107
Opus Dei . . . . .	109
Controlo de amigos, livros e filmes . . . . .	109
Maçonaria . . . . .	115
Festas e jantares de gala . . . . .	115
Um clube de elite . . . . .	119
CAPÍTULO 6 – AS MULHERES . . . . .	123
Opus Dei . . . . .	125
Contacto mínimo com os homens . . . . .	125
Dormir em tábuas . . . . .	127
Educadas para serem empregadas domésticas . . . . .	128
Maçonaria . . . . .	132
Proibidas de entrar nas lojas . . . . .	132
Reuniões mistas . . . . .	137
CAPÍTULO 7 – COMO SE ORGANIZAM . . . . .	139
Opus Dei . . . . .	141
Os numerários . . . . .	141
Os agregados . . . . .	146
Os supranumerários . . . . .	149
Os amigos e cooperadores . . . . .	153
Maçonaria . . . . .	157
Os regulares e irregulares . . . . .	157
O Grande Oriente Lusitano . . . . .	159
A Grande Loja Legal de Portugal . . . . .	161
As dissidências . . . . .	167
<i>Grande Loja Maçónica de Portugal</i> . . . . .	167
<i>Grande Loja Nacional Portuguesa e Grande Loja Unida</i> . . . . .	168
<i>Grande Loja Tradicional de Portugal</i> . . . . .	169
<i>Grande Oriente Maçónico</i> . . . . .	171
<i>Grande Loja Simbólica de Portugal do Rito Antigo e Primitivo Memphis</i> <i>Misraim</i> . . . . .	171
As lojas estrangeiras . . . . .	173
<i>Grande Oriente Ibérico</i> . . . . .	173
<i>Adhuc Stat</i> . . . . .	174
<i>Lojas inglesas</i> . . . . .	175
<i>Lojas egípcias dependentes de França</i> . . . . .	176
<i>Grande Loja Simbólica do Rito Escocês Primitivo</i> . . . . .	176
As lojas selvagens . . . . .	177

CAPÍTULO 8 – AS RELAÇÕES COM A IGREJA . . . . .	179
Opus Dei. . . . .	181
Luta pelo poder na hierarquia . . . . .	181
O projeto religioso de Escrivá. . . . .	184
Maçonaria. . . . .	190
As estratégias dos cardeais . . . . .	190
CAPÍTULO 9 – QUEM MANDA . . . . .	197
Opus Dei. . . . .	199
O grupo dos onze portugueses . . . . .	199
Governo em Roma. . . . .	205
Maçonaria. . . . .	210
Mais de cem poderosos . . . . .	210
CAPÍTULO 10 – A CHEGADA A PORTUGAL. . . . .	217
Opus Dei. . . . .	219
A amiga Irmã Lúcia . . . . .	219
O inimigo cardeal Cerejeira. . . . .	222
As desconfianças de Salazar. . . . .	226
Maçonaria. . . . .	230
O amigo marquês de Pombal. . . . .	230
O inimigo D. Miguel. . . . .	233
A perseguição de Salazar . . . . .	239
CAPÍTULO 11 – PODER POLÍTICO E ECONÓMICO . . . . .	247
Opus Dei. . . . .	249
Finanças, banca e BCP. . . . .	249
Poder no Parlamento e nos governos. . . . .	256
Maçonaria. . . . .	258
Espíões e políticos . . . . .	258
As lojas maçónicas mais influentes . . . . .	262
Altos dirigentes dos PALOP. . . . .	277
CAPÍTULO 12 – O PATRIMÓNIO . . . . .	281
Opus Dei. . . . .	283
Uma fundação milionária . . . . .	283
Maçonaria. . . . .	289
Palácios e negócios. . . . .	289
EPÍLOGO – O ÚLTIMO DIA . . . . .	297
Opus Dei. . . . .	299
Maçonaria. . . . .	304
NOTAS . . . . .	311
FONTES. . . . .	373
ÍNDICE ONOMÁSTICO . . . . .	379
AGRADECIMENTOS . . . . .	389

*À Joana, à avó Lúgia e ao avô Filipe  
Ao Miguel e ao Duarte  
Aos meus pais, irmã e irmãos*

## INTRODUÇÃO

# NO INTERIOR DAS SOCIEDADES SECRETAS

O que é que se faz dentro das lojas maçônicas e dos centros do Opus Dei em Portugal? Quais são os maiores segredos? Como se pode entrar? Qual tem mais poder? Sempre que eu contava a alguém o tema do livro que estava a escrever, ouvia perguntas como estas.

Por estarem envoltas em secretismo poucos sabem o que se passa realmente nestas duas organizações. É isso que se pode descobrir ao longo das próximas páginas.

Este livro compara o movimento religioso de Josemaría Escrivá e a maçonaria. Ambos se organizam de forma a conseguir acumular poder, têm métodos de recrutamento semelhantes, funcionam por rituais e movimentam-se na área política e financeira. E influenciam a nossa vida.

Ao longo de três anos de pesquisa foram entrevistados dezenas de membros e ex-membros destas duas organizações. Uns deram a cara; outros preferiram manter o anonimato com receio de serem prejudicados e por isso alguns estão identificados através de iniciais que não correspondem aos seus nomes verdadeiros.

Apesar de insistentes pedidos de esclarecimento, o Opus Dei optou por não colaborar para este livro com o argumento de que a organização não quer ser comparada com a maçonaria. Mas o acesso a regulamentos internos da Obra, nunca antes revelados em Portugal, permitiu perceber com detalhe como tudo funciona dentro do movimento.

As obediências maçônicas, pelo contrário, aceitaram abrir as suas portas. A visita a templos e a presença em festas de maçons e outros eventos ajudaram à reconstituição do que se passa nos bastidores. A consulta de centenas de documentos maçônicos foi também essencial para relatar com pormenor o dia a dia dos portugueses que aderiram a esta irmandade.

PRÓLOGO

O PRIMEIRO DIA

## NO OPUS DEI

Naquele sábado, perto das 14 horas, o adolescente de 15 anos bateu à porta de um centro do Opus Dei, no Porto<sup>1</sup>. Foi recebido por um homem que o mandou entrar. Seguiu por um corredor e dirigiu-se ao oratório, como é regra sempre que se chega a uma residência da Prelatura. Permaneceu alguns minutos ali, naquela pequena igreja com 30 metros quadrados, onde duas colunas a imitar mármore separam a área onde costuma ficar o padre da zona dos bancos. Estava feliz e ansioso por saber que se aproximava um momento tão importante. Olhou para a imagem da Nossa Senhora, junto ao altar, e saiu.

Subiu as escadas até ao primeiro andar e foi ter com o diretor do centro, o médico Nuno Gomes, hoje sacerdote da Obra, que estava já à sua espera. «Vim cá pedir a admissão», explicou Paulo Andrade, que tinha sido para ali encaminhado por um professor e membro da mesma organização religiosa, que desde há três anos o acompanhava num clube juvenil com ligações ao Opus.

Sabia que iria ter de escrever qualquer coisa para poder entrar na instituição, mas pouco mais. Numa das salas da casa, o responsável explicou-lhe, então, que tinha de pedir ao líder mundial da Obra, através de uma carta, para ser sócio numerário. «Numerário?», perguntou, espantado, o jovem candidato, sem saber o que isso significava. «Os numerários são os membros que têm curso superior e vivem nos centros do Opus Dei», esclareceu o diretor, enquanto lhe dava para a mão um papel, uma caneta e um lápis. Paulo Andrade sentou-se numa pequena secretária e preparava-se para começar a escrever quando foi informado sobre uma norma obrigatória: tinha de começar a carta com «Querido Padre».

Padre significa pai em espanhol (língua oficial da organização) e queria dizer que a partir daquele momento passava a pertencer a uma «família sobrenatural», a substituta da sua família de sangue. Agarrou na caneta de tinta permanente e obedeceu. «Querido Padre, tendo conhecido, compreendido e admirado o espírito do Opus Dei peço que me admita como sócio numerário. Pede-lhe a sua bênção o seu filho muito amigo.» E assinou. O primeiro nome a caneta e o apelido a lápis e entre parêntesis. «Só escreves isso? Não queres dizer mais nada?», questionou o diretor. «Sim só isto», garantiu o adolescente, que já trazia mais ou menos na cabeça o que desejava escrever.

Já de pé, foi-lhe depois revelado um dos mais importantes códigos internos: a partir daquele momento tinha de passar a cumprimentar os outros membros do Opus com uma saudação composta por duas expressões em latim. Sempre que se cruzasse com alguém da sociedade a que finalmente pertencia tinha de o saudar com a palavra «pax», isto é, paz, e os outros responderiam com «in aeternum» que significa «para sempre».

Este era um dia especial para Paulo Andrade, que desde os 12 anos frequentava um clube juvenil do Opus. Sentia-se importante por já pertencer de forma oficial a uma elite que tanto admirava. Ao longo dos últimos três anos tinha-se familiarizado com algumas regras e práticas religiosas da organização. Aos poucos passou a confessar-se todas as semanas, a ouvir palestras, e, quando se apercebeu, estava a receber orientação espiritual. Aos 14 anos já ia à missa todos os dias.

Por isso, naquele sábado, 11 de março de 1978, apesar dos seus 15 anos, não lhe fez grande confusão saber que ao assinar a carta estava a prometer que nunca iria casar, nem sequer ter uma namorada. Ser numerário significava ser celibatário para o resto da vida e viver num centro só com homens, longe dos amigos e da família.

A sua entrega tinha de ir ainda mais além. Aos poucos, foi descobrindo o plano que os líderes da Obra haviam delineado para ele. «Quando entrei fiquei a saber que tinha de fazer mortificações corporais: usar diariamente o cilício e semanalmente as disciplinas.» Os dois objetos foram-lhe entregues dentro de um saco de pano azul-escuro, que, explicaram-lhe, tinha de ser guardado num lugar seguro numa das casas da Prelatura. Nunca podia sair com eles à rua.

Mesmo menor, passou a colocar todos os dias à volta da coxa o cilício, uma corrente de arame com espigões, durante duas horas e ao sábado começou a açoitar as nádegas com um chicote de corda com nós cegos

nas pontas, que na instituição todos chamam de disciplinas. «Doía muito, mas estava ali de coração aberto», confessa.

A admissão deu-lhe também acesso a uma oração exclusiva da Obra, que os membros não querem que seja divulgada para o exterior e que tem de ser rezada diariamente: «Deram-me a conhecer as Preces, uma oração, escrita em latim, composta por textos das escrituras e da liturgia católica adaptados ao Opus Dei.»

Depois de entregar a carta ao diretor do Opus, este felicitou-o, mas de seguida recordou-lhe que «tinha tomado uma decisão do foro íntimo, livre e pessoal». E deu-lhe um conselho: «Talvez fosse melhor não a comunicares aos teus pais, pois muitas vezes não entendem que os filhos se queiram dedicar a Deus.»

Paulo Andrade ouviu e decidiu de imediato que ia aceitar a sugestão e não iria revelar quase nada à sua família. Cheio de orgulho, despediu-se do homem que lhe tinha dado acesso formal à organização. E regressou ao Mira Clube, o espaço para jovens onde já tinha estado na parte da manhã. Aí retomou as atividades, mas pela primeira vez ia orgulhosamente cumprimentando os seus novos «irmãos» com a saudação. Disparou a palavra «Pax» vezes sem conta, pretendendo anunciar a todos os outros que também já era um deles e que acabara de «apitar», código de comunicação interno entre os membros que significa entrar no Opus Dei.

Sentia-se contente por pertencer àquele grupo restrito, que conheceu alguns anos antes. O professor e orientador de um grupo de teatro que frequentou no liceu e que era do Opus convidou Paulo Andrade e os outros miúdos a irem a um clube juvenil para ali apresentarem a peça que ensaiavam. Pouco tempo depois, e já sem grupo de teatro, continuou a visitar o clube, participando em várias atividades, como futebol. «Entrei na linha de montagem.» E assim foi iniciado num projeto preparado ao detalhe pela cúpula da organização.

Tudo no Opus Dei está definido ao pormenor. Por isso, quando aderiu, o seu dia a dia passou a ser regulado por centenas de documentos internos, entre eles as Praxis, os Estatutos da Obra, as Glosas, as Experiências e os Vademecus. Neles estão definidos o que Paulo Andrade deve estudar, as horas a que deve rezar e meditar, os filmes que tem autorização para ver e os livros aconselhados a ler. Mas também a prática religiosa que é obrigado a seguir, como as mortificações, as orações e os estudos teológicos.

São estas normas internas que regulam com detalhe não só a vida de Paulo Andrade e dos outros numerários mas de todos os que pertencem

ao Opus: das numerárias, as mulheres mais importantes, que prometem não casar e que vivem nos centros da Obra; das numerárias auxiliares, também celibatárias, que se dedicam às tarefas domésticas; dos agregados e agregadas, que apesar de prometerem igualmente ficar solteiros para o resto da vida dormem nas suas próprias casas; e dos supranumerários que podem casar e ter filhos.

Muitos destes documentos são secretos e apenas podem ser consultados pelos elementos com cargos de direção. Quase todos no Opus sabem da sua existência mas o acesso a eles e a autorização para os ler é que depende do papel que se exerce. O mais certo era Paulo Andrade apenas aceder aos menos restritos, como «O Catecismo da Obra», que explica através de perguntas os pontos fundamentais do espírito do Opus Dei, os «CADERNOS» e as «Constituições», que esclarecem esses fundamentos de forma aprofundada: há pelo menos 12 cadernos, com 200 páginas cada um<sup>2</sup>.

Ao ser escolhido para ser numerário, o adolescente ficou com o futuro logo ali definido: como mandam as regras, teria de tirar um curso superior – o que veio a acontecer, no seu caso em Direito – e frequentar paralelamente uma espécie de mini-universidade do Opus, local onde durante dois anos recebem formação filosófica e religiosa igual à de um padre. As normas ditavam também que, dentro de algum tempo, o jovem teria de deixar de residir com os seus pais para passar a viver numa residência da Obra com outros membros. Porém, no seu primeiro dia, por ter apenas 15 anos quando assinou a carta, não dormiu num quarto do Opus, regressando a casa da família. No entanto, passou a ir todas as tardes estudar num dos centros da Obra para, longe dos olhares exteriores, fazer as mortificações corporais, uma das regras do mundo secreto do Opus Dei, idealizado pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer<sup>3</sup>.

## NA MAÇONARIA

A suar, nervoso, A. Ruela Santos imaginava como iria ser recebido, enquanto esperava para entrar<sup>1</sup>. Estava sentado dentro de uma pequena sala escura, com as paredes pintadas de preto, a refletir. Foi isso que lhe disseram para fazer quando entrou na sede da Grande Loja Legal de Portugal (GLLP), que naquele ano de 1996, funcionava no rés do chão de uma moradia do Monte Estoril. Tinham-lhe explicado que iria ficar ali isolado durante algum tempo antes de participar pela primeira vez numa cerimónia secreta com os seus novos «irmãos».

Ao longo de quase duas horas pensou em tudo, enquanto aguardava naquele pequeno cubículo negro, sentado com uma mesa em frente, onde havia uma caneta, uma vela acesa, pão, água, uma caveira, uma ampulheta e três recipientes com mercúrio, enxofre e sal, materiais que os maçons usam como símbolos.

Foi assim que começou a descobrir os primeiros segredos, códigos e rituais da maçonaria. Ao seu lado estava um outro candidato. Durante os 120 minutos que ali estiveram nunca trocaram uma única palavra. «Ficámos sempre em silêncio. Estávamos apreensivos», recorda A. Ruela Santos, dizendo que passados 20 anos ainda sente uma proximidade grande com aquele homem iniciado no mesmo dia e à mesma hora na Loja Mestre Afonso Domingues, uma das mais importantes. «Somos como irmãos gémeos», refere. Mas com idades diferentes: ele tinha 43 anos e o colega, L. P. D., sobrinho de Fernando Pessoa, 64.

E, desde aquele dia, os dois cumpriram uma das regras de conduta da organização: a proteção e ajuda mútua. É uma das 12 normas que todos são obrigados a cumprir. «Os maçons devem-se mutuamente ajuda

e proteção fraternal mesmo no fim da sua vida.» Este pacto consta da Constituição da GLLP que conjuntamente com o Regulamento Geral, que define ao longo de 111 artigos como tudo funciona dentro da irmandade, são os documentos mais importantes da organização<sup>2</sup>.

Em todas as obediências maçónicas é comum este auxílio entre «irmãos» e, no Grande Oriente Lusitano (GOL), a Constituição interna deixa claro esta ideia no artigo 7.º: «Os maçons reconhecem-se como irmãos e obrigam-se a uma permanente ajuda e assistência mútua. Exigem-se-lhes o máximo altruísmo, o sacrifício de quaisquer interesses ao bem-estar dos seus semelhantes e a propaganda pelo exemplo, sob reserva da observância do sigilo maçónico.»<sup>3</sup>

O facto de terem estado juntos no batismo da maçonaria ligou-os ainda mais. «É um momento único. É um dos dias mais marcantes de todos os que já passei na maçonaria», diz A. Ruela Santos. Como mandam as regras internas, no dia da iniciação foi acompanhado pelo seu ‘padrinho’ – o homem que o escolheu – para o local onde iria decorrer a cerimónia. Aqui, colocaram-lhe uma venda nos olhos e foi levado para o cubículo negro, conhecido como câmara de reflexão, onde retirou a venda, sendo-lhe entregue uma folha com três perguntas: «Quais os deveres do homem para com o criador?, Quais os deveres para consigo próprio?, Quais os seus deveres para com o semelhante e para com a pátria?»<sup>4</sup>

Enquanto meditava na sala de paredes pretas, os outros preparavam a cerimónia dentro do templo – local onde os maçons se reúnem. Aberta a sessão, o líder da loja (chamado internamente venerável) mandou um dos «irmãos» ir buscar o questionário e preparar o candidato para iniciar a cerimónia. Recolheram todos os metais que trazia, como o relógio, as chaves e o dinheiro, guardando-os num recipiente. Depois tiraram-lhe o casaco, despiram-lhe parte da camisa de forma a ficar nu na zona do coração, arregaçaram as calças da sua perna direita para ficar com o joelho à mostra e pediram-lhe para descalçar o pé esquerdo. Colocaram-lhe uma corda à volta do pescoço e puseram-lhe de novo a venda nos olhos. Ficou assim durante alguns minutos, enquanto o «irmão» que o ajudou a vestir regressava à sala, onde os outros o esperavam ao som de uma música ambiente, levando com ele as respostas do candidato na ponta de uma espada. Entregou-as ao líder, que as leu aos restantes, mandando de seguida chamar A. Ruela Santos. Quando este entrou, ouviu-se uma música dramática durante 15 segundos, que foi abruptamente interrompida. Uma exceção nos rituais maçónicos, pois as regras ditam que nas sessões

das lojas a música não deve parar de repente, mas sim de forma suave e gradual. O único momento em que isso é diferente é no dia da iniciação. «Acabada a música, mandaram-me curvar e depois colocaram-me uma espada (com ponta rampa, ou protegida) junto ao peito enquanto me iam fazendo perguntas», lembra.

O venerável lançou nessa altura a primeira questão: «É de sua livre vontade, em plena liberdade e sem nenhum pensamento reservado que se apresenta entre nós?» Ouvido o sim, prosseguiu: «O que sente sobre o peito?» Uma arma junto ao coração, deve responder o novo «irmão». «Trata-se de uma espada sempre erguida para castigar o perjúrio. É o símbolo do remorso que rasgará o seu coração se se tornar traidor à fraternidade em que pretende ser admitido», explicou o homem que comanda a cerimónia, perguntando de imediato: «O que quer de nós?» «Ser recebido maçom» declarou A. Ruela Santos, como fazem todos os que se encontram naquela situação. Foi então informado de que teria de passar por várias provas. Aí, retiraram-lhe a espada do peito e foi encaminhado para o altar do templo, sempre de olhos vendados, sendo guiado por um dos outros. Aqui revelaram-lhe os três deveres como maçom. O primeiro é guardar «absoluto silêncio sobre tudo o que ouvir ou descobrir ou sobre tudo o que vir, ouvir ou souber depois», não devendo nunca «revelar a identidade dos seus irmãos»; o segundo «é praticar as virtudes que tendem a tornar o Homem um ser perfeito»; e o último é «conformar-se com os regulamentos gerais da maçonaria e com as leis particulares».

Aceites estas obrigações, iniciou-se o juramento junto ao altar. Na sua mão esquerda foi colocado um cálice com água, do qual lhe pediram que bebesse um pouco. O processo de juramento continuou, enquanto um dos «irmãos» pôs discretamente no cálice uma substância amarga (água com limão, vinagre ou um chá). O ritual atingiu, nesse momento, um dos pontos altos: o chefe da loja questionou mais uma vez o «irmão» sobre as suas intenções de guardar segredo e pouco depois começou-se a ouvir um som de fundo assustador. Nessa altura mandaram-no beber toda a água restante e deram-lhe um aviso: «Que esta bebida amarga como um veneno seja o símbolo do remorso que destroçará o seu coração se algum dia o perjúrio manchar os seus lábios.»

Chegou, entretanto, o momento de enfrentar três desafios. O primeiro foi a «prova do ar», em que teve de dar uma volta ao templo, enquanto se ouviam sons de trovões e os outros maçons faziam barulho sapa-teando e batendo nos móveis. Durante o percurso, descalço, teve depois de

ultrapassar dois obstáculos: uma corda com nós no tapete e um balancé. Terminou junto de um «irmão» que, para o purificar com ar, abanou um leque junto à sua face. A ideia era simbolizar a necessidade de ter uma mão amiga para o ajudar a vencer os perigos que surgem ao longo da vida.

Passou-se depois à «prova da água». Ao mesmo tempo que A. Ruela Santos dava mais uma volta ao templo, encontrando apenas um obstáculo, os outros iam tilintando as espadas, enquanto se ouviam sons de água a correr. Parou de novo junto a um «irmão» que o purificou, desta vez mergulhando a sua mão esquerda num vaso com água. «Com esta viagem encontrou menos dificuldades do que na primeira. Com efeito vão desaparecendo pouco a pouco diante dos passos do homem que persiste no caminho da virtude», esclareceu o líder.

Faltava apenas um desafio. Ouviu-se uma música suave e, neste terceiro percurso à volta da sala, sem qualquer obstáculo, o quase maçom terminou junto ao venerável, que acendeu uma vela, colocando-a por baixo da palma da mão aberta do candidato para sentir a presença das chamas, mas sem o queimar. O fogo, explicaram-lhe, «completa a sua purificação». E só depois A. Ruela Santos pôde fazer o juramento.

Ajoelhado, pôs a mão direita sobre um esquadro, um compasso e a Bíblia. Estava numa loja que obriga os seus membros a acreditarem num Deus a que chamam Grande Arquiteto do Universo e por ser católico foi usado aquele texto sagrado. Depois, com a mão esquerda, A. Ruela Santos segurou o compasso, aberto com uma das pontas encostada ao coração, e declarou. «Eu, de minha livre vontade (...), juro e prometo solenemente nunca revelar nenhum dos mistérios da maçonaria que me serão confiados e somente falar deles com bons e legítimos maçons (...)» Entretanto, um dos «irmãos» (geralmente o mais novo) deitou-se no chão, coberto com um lençol preto e a cara tapada com um pano ensanguentado, tendo de cada lado uma vela acesa. As luzes foram reduzidas ao mínimo e os «irmãos» rodearam o candidato, apontando-lhe as espadas com a mão esquerda. Com a direita esconderam o rosto. «Olhei mas via-se pouco», recorda.

Depois desta cena foi de novo vendado e levado para fora do templo para compor a camisa aberta e as calças arregaçadas. No regresso, entrou e foi integrado numa cadeia de união – em que estavam todos de mãos dadas num círculo. E ouviu-se uma última pergunta: «Se encontrar algum inimigo nesta assembleia está disposto a estender-lhe a mão e esquecer o passado?» Mal deu a resposta afirmativa o seu padrinho tirou-lhe definitivamente

a venda. Aí viu todos os outros «irmãos». O seu padrinho agarrou num espelho para ele ver se não havia mesmo nenhum inimigo nas costas e no fim deram um abraço. E tudo terminou junto do altar dos juramentos, onde o novo «irmão» foi recebido como aprendiz – o primeiro dos graus da maçonaria, tendo cada um os seus segredos.

No fim do longo ritual A. Ruela Santos foi comemorar com a nova família. É, aliás, uma tradição: depois destas sessões celebram sempre juntos, em jantares a que chamam ágapes. Foi o que sucedeu naquela noite, em que pela primeira vez este novo membro se sentou à mesa, rodeado de maçons: «Senti-me numa irmandade.»

1

ONDE E COMO RECRUTAM

*No Opus Dei recruta-se essencialmente pessoas até aos 25 anos. Já na maçonaria, a grande aposta é captar membros a partir dessa idade. Para angariar os mais novos, a organização religiosa montou uma rede de clubes juvenis, colégios privados, centros de formação profissional e residências universitárias que atraem rapazes e raparigas em todas as fases escolares. Os maçons, por seu lado, também conquistam membros nas universidades, havendo algumas onde muitos professores são da irmandade. Mas grande parte do recrutamento é feito nas juventudes partidárias. Mais recentemente, a maçonaria portuguesa decidiu investir nos adolescentes e está a implementar uma organização juvenil para rapazes dos 12 aos 21 anos chamada Ordem DeMolay, que promove reuniões em templos maçónicos.*

## OPUS DEI

### Clubes juvenis e centros de formação profissional

O telefone tocou. Atendeu e era a sua madrinha, uma supranumerária do Opus Dei. «Vêm aqui a casa umas senhoras falar de uns cursos em Lisboa. Vem ouvi-las.» A.B., que frequentava na altura o 8.º ano na escola secundária da aldeia onde vivia, junto a Viseu, aceitou o convite e foi. Quando entrou na sala onde iria decorrer o encontro viu várias raparigas da sua idade, filhas de famílias da zona, que tinham sido também convocadas. Pouco depois, as mulheres da organização religiosa começaram a explicar que iam abrir novos cursos profissionais na capital e pretendiam desafiá-las a candidatarem-se.

«A Obra queria abrir um curso de formação profissional e andava nas aldeias do país a promover a ideia para arranjar estudantes», conta A.B., que ficou entusiasmada com a oportunidade. «Fomos a casa de algumas das outras raparigas falar com os pais delas e depois fomos conversar com o meu.» Preencheu os papéis e passado uns tempos deram-lhe a notícia de que tinha sido aceite e ia receber um subsídio do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). Isso implicou voltar ao 7.º ano, mas não se importou<sup>1</sup>.

Foi assim que se tornou numa das alunas que integraram, em 1989, a primeira turma do novo curso de Ciências Domésticas do centro de formação profissional em Sete Rios, promovido pelo Opus Dei.

Antes de iniciar o terceiro ano, que dava equivalência ao 9.º, aderiu à organização religiosa. Tinha 15 anos quando pediu a admissão e prometeu ser numerária auxiliar para o resto da vida.

O facto de ter sido recrutada numa escola deste tipo não era um acaso: afinal, estava num dos locais onde o Opus faz recrutamento, especialmente para encontrar mulheres jovens que se possam dedicar às tarefas domésticas dentro da Prelatura.

A Obra começou desde cedo a montar no país uma rede de centros de formação profissional. A estratégia passou por criar, em 1972, a Associação Portuguesa de Cultura e Desenvolvimento, uma organização não-governamental dirigida por pessoas ligadas ao Opus Dei, que promove estes cursos de norte a sul<sup>2</sup>. E foi assim que foram lançados quatro importantes centros, todos controlados pelo movimento religioso: o de Arcimira, em Vila Nova de Gaia, o de Massorim, em Viseu, o de Sete Rios, em Lisboa, e o de Montemor-o-Novo. Frequentados só por mulheres, são especializados na área dos «serviços pessoais e à comunidade».

Foi nesta área que A.B. se especializou. Para isso estudou vários anos em Sete Rios, usando durante o curso uma farda obrigatória, que incluía uma saia de xadrez abaixo do joelho, uma camisa branca e um casaco encarnado.

Quando aderiu ao Opus, por ser ainda menor, dormiu nos primeiros anos numa residência de estudantes, ligada a pessoas da instituição, que se situava na Rua Buenos Aires, em Lisboa. Só aos 18 anos foi viver para uma casa da organização, em Alviela, no Paço do Lumiar. Entretanto decidiu continuar a estudar mais três anos no mesmo instituto, conseguindo equivalência aos 10.º, 11.º e 12.º anos. Nessa altura já sabia que a sua vida iria ser diferente da de outras raparigas, pois não podia ir a festas nem ter namorados. Mas não se importou: «Era a minha vocação. E estava a fazer o melhor para a proteger», diz, recordando que foi esse o seu sentimento ao longo dos 22 anos em que esteve na organização, de onde saiu em novembro de 2012 por motivos de saúde. E garante que desde o primeiro minuto que pisou a sala de aulas sabia que o curso estava ligado ao movimento de Escrivá.

Mas nem todos os casos foram assim. «Muitas raparigas iam para os cursos através do Instituto de Emprego e Formação Profissional e depois eram aliciadas para entrar na Obra», conta um ex-membro, acrescentando: «Eram levadas a confessar-se, a ir às palestras e a ter formação com um sacerdote do Opus Dei.»<sup>3</sup> Umam cediam, mas muitas outras recusavam as investidas das responsáveis do Opus, que nunca desistiam de tentar levar as alunas, pelo menos de 15 em 15 dias, a falar com um padre da instituição religiosa<sup>4</sup>.

Nas aulas, quer em Sete Rios, quer nas outras escolas de formação profissional controladas pela Obra, misturavam-se, assim, estudantes que pertenciam ou estavam em vias de aderir à organização com outras que apenas lá iam frequentar os cursos.

Estes centros com ligações ao Opus e com apoio do Estado sofreram, entretanto, uma reestruturação, deixando alguns de ter cursos tão frequentes devido à diminuição do financiamento e também da procura. Em Sete Rios, por exemplo, a escola profissional que ali existia fechou. No seu lugar, o Opus abriu um novo clube juvenil, o 7+, para miúdas a partir dos 9 anos, que veio substituir um outro já mais antigo que funcionava em Alviela, no Lumiar<sup>5</sup>.

Os espaços com atividades para jovens são hoje um dos principais e mais importantes locais de recrutamento. É entre os adolescentes que os frequentam que se encontram muitos dos futuros membros da organização. E, tal como os centros de formação profissional, são criados através de associações culturais ou cooperativas lançadas e geridas por pessoas da Prelatura<sup>6</sup>.

Os clubes começaram a surgir na década de 60, mas foi nos anos 80 que se implementaram em força. E com estratégias de atuação bem definidas: exclusivos para raparigas ou rapazes e cada um deles com um determinado perfil de jovens a recrutar<sup>7</sup>.

Em Lisboa, no Clube Darca, o grande objetivo sempre foi conquistar raparigas de famílias com posses e com um futuro profissional mais promissor. Até porque é entre elas que mais tarde são escolhidas as que exercem cargos de chefia na Obra. A poucos quilómetros dali, no Lumiar, encontrava-se o Clube de Alviela, onde ao longo dos anos se foram recrutando jovens de origens mais humildes, muitas vindas das aldeias. A ideia era torná-las, no futuro, as serventes das colegas do Darca, e entregar-lhes os trabalhos domésticos nas residências. Esta tática de separação, feita de forma sempre discreta e subtil, é aplicada por todo o país<sup>8</sup>.

No Porto, as candidatas com mais dinheiro costumam ir para o Rampa Clube e para as que pertencem a famílias com mais dificuldades há o Clube da Rotunda, a funcionar numa residência para estudantes também da Obra. Em Viseu, recrutam-se as jovens de classes sociais mais altas através do Clube Moinho e as outras com maior perfil para os trabalhos domésticos têm atividades promovidas por clubes ligados a este, mas diferentes. Em Coimbra, o Clube dos Arcos, que funciona hoje em dia num pequeno apartamento, também aposta nas raparigas que podem

tirar cursos superiores e ocupar os lugares mais importantes, enquanto no Alentejo, em Almansor, se disponibilizam atividades para as jovens que se irão transformar em numerárias auxiliares.

Estes clubes femininos são dirigidos só por mulheres, todas da organização, funcionam especialmente aos sábados e, além de atividades extra-curriculares, como culinária, passeios e viola, dão orientação religiosa e espiritual com base nas ideias de Josemaría Escrivá.

Atualmente, devido às dificuldades de recrutamento, esta separação de clubes baseada no perfil está a ficar menos rígida.

Mas, por outro lado, há novas tendências. O Opus decidiu alargar a sua área de atuação nestes espaços juvenis, que têm como principal alvo as miúdas dos 9 aos 18 anos. E está a desenvolver projetos para pessoas mais velhas, como os clubes de mães, que foram criados no recente Clube 7+. A iniciativa passa por promover atividades ao sábado destinadas a mulheres e que incluem aulas de cozinha e uma palestra sobre temas relacionados com a família<sup>9</sup>.

Enquanto isso, há clubes que investem antes em ter associadas cada vez mais novas, em regra a começar nos seis anos. O Clube 3 D, que existe em Braga, no Centro Cultural Campo Novo, tem promovido programas para raparigas do 1.º ao 6.º ano. E o mesmo tem sido feito no Clube Farol, em Viseu, destinado especialmente a alunas do 1.º ao 9.º ano<sup>10</sup>.

Entre os rapazes, também há diferença na forma como se selecionam os numerários, que podem exercer cargos de direção, e os agregados, que vêm geralmente de famílias mais pobres. Para o sexo masculino, são cinco os principais clubes juvenis no país: o Xénon, em Lisboa, o Vega, no Porto, o Celta, em Viseu, o Ónix e o Prisma, em Coimbra. Nestes centros educativos paga-se uma quota e os miúdos do 5.º ao 12.º ano podem participar em várias atividades ao longo de todo o ano, como judo, viola, modelismo. Muitos clubes têm uma escola de futebol, uma das formas mais eficazes de atrair os mais novos.

Aliás, em 2007, foi lançada uma mega-estrutura dedicada a este desporto, a Academia Superball, que começou por funcionar em Telheiras, sendo detida pela empresa de consultadoria e gestão imobiliária In Time. Esta, por sua vez, tem participação da Naves, uma sociedade de capital de risco gerida por pessoas do Opus ou com ligações à Prelatura<sup>11</sup>. A coordenar o projeto foi colocado o antigo futebolista e campeão mundial de sub-20 em 1991, Nelson Vieira Alves, cooperador da Prelatura. Em 2012, esta academia passou a destinar-se apenas aos alunos dos

colégios masculinos ligados ao Opus. Isto depois de a In Time Sports, que gere a Superball, ter feito em 2010 uma parceria com a Academia Sporting, o que levou à criação da Escola Academia Sporting de Telheiras, que qualquer miúdo externo aos colégios pode frequentar<sup>12</sup>.

Nelson conheceu a Obra em 1995, através de um amigo de Carlos Queirós, seu treinador no Sporting naquele ano<sup>13</sup>. No fim de um treino, e porque o jogador não andava bem, Queirós sugeriu-lhe que falasse com António Montiel, um ex-membro do Opus<sup>14</sup>. A partir daí o futebolista passou a receber ajuda espiritual da organização, tornou-se cooperador do Opus Dei e hoje integra o projeto de futebol do movimento.

Nos anos 60 e 70, quando a instituição tentava crescer no país, o futebol foi crucial para chamar a atenção de rapazes de famílias com menos meios financeiros para aderirem como agregados ou supranumerários. Para isso, organizaram-se torneios. José Tavares, um alfaiate de Idanha-a-Nova que nos últimos anos deu a cara em reportagens na imprensa, confessou ter sido «seduzido pelos jogos de futebol promovidos por opussianos». Foi assim que em 1966, tinha 21 anos, se tornou supranumerário e veio a colaborar na fundação de um clube do Opus, o Novo Horizonte, onde se chegou a cruzar com Adelino Amaro da Costa, um dos mais conhecidos membros da organização, que ali dava explicações de matemática<sup>15</sup>.

Também foi o desporto promovido pela Obra que cativou António Sarmiento, o atual diretor do Colégio Planalto, com ligações ao Opus. Mas, no seu caso, tratou-se do râguebi. Os seus dois irmãos mais velhos jogavam no Clube Vega, no Porto, e aos 9 anos começou a ir com eles treinar. «Entusiasmado com o desporto», descreveu num depoimento que fez a José Freire Antunes, começou a frequentar o mesmo espaço<sup>16</sup>. Em 1977, ia fazer 15 anos quando o preceptor e amigo «Zé Pedro» lhe perguntou se alguma vez tinha pensado em pertencer ao Opus Dei. Ficou na dúvida, até porque tinha arranjado namorada recentemente. Mas, depois de regressar de umas férias em Trás-os-Montes e de ler o *Caminho*, o livro de Josemaría Escrivá, diz que, no fim de um enorme passeio pela praia com o orientador, percebeu que queria ser numerário. Abdicou daquela namorada e decidiu que nunca mais na vida iria ter outra. Hoje, além de dirigir o colégio, é presidente do ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária, uma Organização Não Governamental com ligações à Obra<sup>17</sup>.

Tudo nestes centros juvenis masculinos ou femininos é programado e calculado ao detalhe. O ambiente é alegre e cordial e os responsáveis

tentam encontrar novos membros com estratégias definidas que repetem com todos os rapazes e raparigas: ajudam-nos a estudar, têm longas conversas com eles, mostram interesse pelos seus gostos e *hobbies* pessoais e aos poucos começam a convidá-los para participar em ações espirituais. Cada um tem um tutor, que os acompanha de perto desde o primeiro dia e os vai levando a participar nas atividades internas. Isto enquanto o sacerdote que, entretanto, os começa a confessar lhes vai explicando que só serão felizes se seguirem as suas vocações e se tornarem membros<sup>18</sup>.

Mas nem todos os que frequentam os clubes são alvo deste método intensivo de recrutamento. Só aqueles que o tutor vê terem perfil e maior possibilidade de serem bem-sucedidos na vida e terem prestígio no trabalho.<sup>19</sup>

Além destes clubes oficiais, há outros que funcionam de forma mais discreta em casas particulares de agregados e supranumerários<sup>20</sup>.

Assim como sucede em Portugal, nos 68 países onde o Opus Dei está instalado existem clubes como estes. E há portugueses que têm o primeiro contacto com a instituição fora do país. É o caso de Mariana Lince de Faria, que descobriu o Opus Dei no Brasil<sup>21</sup>. Frequentava o Clube O Mirante, em São Paulo, para raparigas dos 8 aos 16 anos. Gostou e aos 11, quando veio para Portugal, começou a ir para o Darca. Tornou-se numerária e hoje é doutorada em Genética e trabalha no Instituto Gulbenkian de Ciência<sup>22</sup>.

Qualquer pessoa pode inscrever-se nestes centros. Apenas tem de pagar uma quota, não sendo, depois, obrigada a entrar para a Obra. Há muitos casos em que os jovens não dão qualquer hipótese, rejeitando as aproximações. Os filhos de Paulo Emiliano, um *designer* da Gulbenkian e ex-membro do Opus, frequentaram os centros mas nunca quiseram entrar. As suas duas filhas só foram ao Darca uma ou duas vezes. «Detestaram aquilo. Diziam que eram todas presunçosas e de nariz empinado. Acharam que era um clube para betinhas. Por isso, nunca mais lá puseram os pés.» Já o rapaz frequentou durante algum tempo um espaço juvenil. «O meu filho andou no Clube Xénon mas nunca foi beliscado pelas coisas que lhe tentaram impor. Sempre foi um espírito livre. Acho que perceberam que não tinha perfil. Ele, por sua vez, foi esperto e soube aproveitar o que aquilo tinha de bom, como o estímulo para os estudos», explica o antigo numerário, detalhando: «Os clubes são espaços fantásticos para estudar, com bom ambiente. Eles ajudam imenso. Aliás, quem não estuda e tira más notas não é bem visto. Nesse aspeto, os clubes são incentivos para o empenho nas aulas.»<sup>23</sup>

Esta é uma das garantias de quem aceita aderir: a Obra vai apostar nos seus estudos. É essa a troca. Os membros prometem dedicação, e do outro lado é promovida todo o tipo de formação.

Para conseguir ter poder nos meios académicos em todo o mundo, o próprio Opus Dei internacional montou uma rede de organismos que no topo tem a Universidade de Navarra, para onde vão estudar membros de várias nacionalidades, incluindo muitos portugueses. Mas depois cada país cria uma mini rede nacional de entidades ligadas à organização religiosa. Em Portugal, o Opus foi lançando várias estruturas académicas, o que lhe permite recrutar jovens em todas as fases escolares.

## Colégios e liceus

É fácil perceber que algo diferente se passa nos colégios do Opus Dei. No Mira Rio, em Lisboa, e no Horizonte, no Porto, só estudam raparigas; já no Planalto, igualmente na capital, e nos Cedros, em Gaia, apenas entram alunos do sexo masculino<sup>24</sup>. Não há a mínima mistura, e os responsáveis são convictos a explicar que várias investigações mostram que os rendimentos escolares são melhores quando há segregação de sexos por eles e elas terem interesses, formas e tempos de aprendizagem distintos. O diretor do Planalto já defendeu publicamente que a culpa do maior insucesso escolar dos rapazes se deve ao facto de o ensino português ser feito por mulheres e para mulheres e ser composto essencialmente por professoras<sup>25</sup>.

Nestes colégios masculinos ligados ao Opus não há, por isso, uma funcionária sequer do sexo oposto. E lá dentro tudo é diferente do habitual: durante as aulas é comum, para rever a matéria dada, usar-se uma bola que os rapazes vão passando de mão em mão, num esquema de pergunta e resposta rápida. E os manuais são completamente diferentes dos adotados nas outras escolas do país, porque têm menos gravuras e são feitos por pessoas do próprio estabelecimento.

Já nos colégios femininos não há professores homens. E as aulas têm um ritmo mais calmo e menos competitivo e o ambiente é mais familiar. Os quatro colégios são controlados pelo Opus através da Cooperativa Fomento, uma organização de pais e educadores, grande parte deles membros da organização<sup>26</sup>.

Estes estabelecimentos de ensino seguem as orientações espirituais da instituição de Escrivá e todos os dias há uma missa matinal. Cada

aluno do 5.º ao 12.º ano tem desde o primeiro dia um preceptor que o segue e apoia individualmente. Os dois têm frequentemente conversas privadas, à semelhança do que se passa dentro das residências do Opus, onde os membros devem desabafar todas as semanas com um dos superiores<sup>27</sup>.

Muitos entram na instituição religiosa durante o período em que estão no secundário. E é destes colégios que saem várias raparigas que vão trabalhar para a Obra e alguns rapazes que mais tarde são escolhidos para sacerdotes da organização. Mas outros são recrutados quando estão na faculdade.

## Universidades

Carla Almeida estava a estudar Serviço Social, no que é hoje o Instituto Bissaya Barreto, em Coimbra, e nessa altura frequentou algumas vezes a residência dos Arcos, onde o Opus promovia várias ações para as universitárias<sup>28</sup>. Era comum assistir a meditações e tertúlias e fazer confissões. Pertencia a uma família muito católica e já se relacionava antes com pessoas do Opus Dei. Por isso, desde que ali chegou foi convidada para participar também em algumas atividades da organização, como trabalhos em equipa em zonas rurais e pobres para ajudar as mulheres a aprender culinária, a tratar da roupa e a tomar conta de crianças e idosos<sup>29</sup>. «Gostei do ambiente de gente jovem e da ideia que me transmitiam de que a santidade não era só para religiosos, mas que qualquer pessoa podia ter essa vocação. Achei fantástico: santos no meio do mundo, sem fazer coisas raras, diferentes, só com a vontade de ser bom cristão.» Começou entretanto a frequentar também um centro da organização e dois anos depois de ter chegado a Coimbra escreveu a carta e entrou na Obra. Tinha 21 anos. Não passou muito tempo até que a sua vida desse uma reviravolta. Estava no 3.º ano, quando uma das diretoras do Opus lhe começou a sugerir que desistisse daquele curso, que ela adorava. «Diziam-me que era perigoso e que tinha muitas ideias marxistas», conta, recordando que não agradava às responsáveis da Obra que em certas disciplinas tivesse de ler Sigmund Freud. «Para eles era impensável.» Sugeriram que mudasse e falaram-lhe na possibilidade de ir para Espanha. Carla Almeida obedeceu e aceitou ir estudar para a Universidade de Navarra. Tirou o curso de Nutrição, pois a Obra aposta em formar bem as mulheres que encarrega de administrar